Na 79ª AMS, discursos contundentes refletiram o momento atual. E a coreografia diplomática da China

En la 79.ª Asamblea General de la OMS, los contundentes discursos reflejaron la situación actual. Y la coreografía diplomática de China

At the 79th WHA, forceful speeches reflected the current situation. And China's diplomatic choreography

Lúcia Marques

O maior risco para a saúde global já não é a falta de ciência, mas sim a falta de consciência.[1]

Resumo: A 79ª AMS viveu momentos quentes, com discursos contundentes, como esperado, diante do cenário atual de disputas geopolíticas e de contextos de guerras e conflitos. A AMS começou com um emocionante discurso do presidente espanhol, como convidado do Diretor-geral. O informe não poderia deixar de trazer esse discurso que reflete o posicionamento da Espanha sobre a situação dos conflitos no Oriente Médio e da conjuntura global que afeta especialmente os países do Sul Global. E que conversa com outros discursos sobre a urgência de reformar a governança de preparação para crises, mas por ângulos políticos e práticos bem diferentes: os discursos de Singapura, do Egito, da China e do Irã. Enquanto Espanha fez uma crítica filosófica e macroeconômica à "pandemia do egoísmo" na governança global, Singapura trouxe a resposta pragmática da Ásia sobre alianças técnicas regionais e dados abertos para contornar a paralisia política e o Egito trouxe o clamor do Oriente Médio por sustentabilidade financeira real diante das crises estruturais. Enquanto o Egito foca na *indústria farmacêutica* e a China na *soberania de dados*, o Irã usou a governança da OMS para tentar expor as contradições do direito internacional humanitário, argumentando que a neutralidade médica foi quebrada na região. No Tabuleiro da Geopolítica, a coreografia diplomática da China, que recebeu, com intervalos de uma semana, o chanceler do Irã e os presidentes dos EUA e da Rússia, deixando claro que mantém amizade e parceria estratégica com qualquer potência que desejar, e os EUA são apenas uma delas. Um detalhe do balé diplomático: o chanceler iraniano viajou a convite e foi recebido por Wang Yi, que é muito mais que um chanceler, sinalizando que a visita foi tratada como uma missão diplomática de altíssima prioridade estratégica.

Palavras chaves: 79ª AMS; discursos da Espanha; Egito; Singapura; China e Irã; coreografia diplomática da China.

Resumen: *La 79ª AMS vivió momentos intensos, con discursos contundentes, como era de esperarse ante el escenario actual de disputas geopolíticas y contextos de guerras y conflictos.*

[1] Discurso do Presidente da Espanha, Pedro Sánchez, na abertura da 79ª Assembleia Mundial da Saúde, dia 18 de maio, quando participou a convite do Diretor Geral Tedros Adhanom. Disponível em https://www.lamoncloa.gob.es/lang/en/presidente/intervenciones/Paginas/2026/20260518-world-health-assembly-speech.aspx

La AMS comenzó con un emotivo discurso del presidente español, en calidad de invitado del Director General. Este informe no podía dejar de incluir dicho discurso, el cual refleja la postura de España sobre la situación de los conflictos en Oriente Medio y la coyuntura global que afecta especialmente a los países del Sur Global. Asimismo, dialoga con otros discursos sobre la urgencia de reformar la gobernanza de la preparación ante crisis, pero desde ángulos políticos y prácticos muy diferentes: los discursos de Singapur, Egipto, China e Irán. Mientras que España realizó una crítica filosófica y macroeconómica a la "pandemia del egoísmo" en la gobernanza global, Singapur aportó la respuesta pragmática de Asia basada en alianzas técnicas regionales y datos abiertos para sortear la parálisis política, y Egipto llevó el clamor de Oriente Medio por una sostenibilidad financiera real ante las crisis estructurales. Mientras Egipto se enfoca en la industria farmacéutica y China en la soberanía de datos, Irán utilizó la gobernanza de la OMS para intentar exponer las contradicciones del derecho internacional humanitario, argumentando que la neutralidad médica se ha quebrado en la región. En el Tablero de la Geopolítica, quedó de manifiesto la coreografía diplomática de China, que recibió, con intervalos de una semana, al canciller de Irán y a los presidentes de EE. UU. y Rusia, dejando claro que mantiene una relación de amistad y alianza estratégica con cualquier potencia que lo desee, siendo EE. UU. solo una de ellas. Un detalle de este ballet diplomático: el canciller iraní viajó por invitación y fue recibido por Wang Yi, quien es mucho más que un canciller, lo que señala que la visita fue tratada como una misión diplomática de la más alta prioridad estratégica.

Palabras clave: *79ª AMS; discursos de España; Egipto; Singapur; China e Irán; coreografía diplomática de China.*

Summary: *The 79th WHA experienced intense moments, with forceful speeches, as expected given the current scenario of geopolitical disputes and contexts of wars and conflicts. The WHA began with an emotional speech by the Spanish President, who attended as a guest of the Director-General. This report could not fail to highlight this speech, which reflects Spain's stance on the conflicts in the Middle East and the global conjuncture that particularly affects the countries of the Global South. It dialogues with other speeches regarding the urgency of reforming crisis preparedness governance, though from very different political and practical angles: the speeches of Singapore, Egypt, China, and Iran. While Spain delivered a philosophical and macroeconomic critique of the "pandemic of selfishness" in global governance, Singapore brought Asia's pragmatic response focused on regional technical alliances and open data to bypass political paralysis, and Egypt brought the Middle East's outcry for real financial sustainability in the face of structural crises. While Egypt focuses on the pharmaceutical industry and China on data sovereignty, Iran used WHO governance to attempt to expose the contradictions of international humanitarian law, arguing that medical neutrality has been breached in the region. On the Geopolitical Chessboard, China's diplomatic choreography was evident as it received, within a one-week interval, the Foreign Minister of Iran and the Presidents of the US and Russia, making it clear that it maintains friendship and strategic partnership with any power that wishes, the US being just one of them. A detail of this diplomatic ballet: the Iranian Foreign Minister traveled upon invitation and was received by Wang Yi, who is much more than a foreign minister, signaling that the visit was treated as a diplomatic mission of the highest strategic priority.*

***Keywords**: 79th WHA; speeches by Spain; Egypt; Singapore; China; and Iran; China's diplomatic choreography.*

A 79ª Assembleia Mundial da Saúde, enquanto principal órgão decisório da Organização Mundial da Saúde, começou em 18 de maio, reunindo delegações de mais de 190 países para debater estratégias globais de saúde. As prioridades foram os desafios globais — foco na preparação para pandemias, financiamento sustentável, resistência antimicrobiana e na reforma da arquitetura global de saúde — e impacto climático e tecnológico — debates sobre os efeitos das mudanças climáticas na saúde pública, transformação digital e regulação de inteligência artificial aplicada ao setor.

E começou com a declaração de estado de emergência de saúde pública de interesse internacional devido a uma epidemia de doença de Ebola na República Democrática do Congo e em Uganda. Essa declaração foi a fala inicial do discurso do Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom. Trata-se de uma nova cepa com potencial de maior disseminação e mais mortes.

Também começou com um dos discursos mais contundentes — e emocionantes, por que não dizer — do Presidente da Espanha, Pedro Sánchez, quem participou a convite do Diretor-geral, Tedros Adhanom. O discurso reflete suas ações enquanto governante de um país que, sob sua liderança, se posicionou como defensor do direito internacional, da saúde global não como saúde periférica, mas central nas ações externas, defensor do direito à saúde universal, da cooperação e do multilateralismo, da solidariedade e da justiça para todos, não importando o país de nascimento ou situação de vida.

Embora o informe seja sobre Ásia e Oriente Médio, não poderia deixar de trazer esse discurso que reflete um posicionamento da Espanha sobre a situação dos conflitos no Oriente Médio e da conjuntura global que afeta especialmente os países do Sul Global e que conversa com outros discursos tão importantes, que também abordaram a urgência de reformar a governança de preparação para crises, mas por ângulos políticos e práticos bem diferentes: os discursos do Ministro da Saúde de Singapura, Ong Ye Kung, e Ministro da Saúde e População do Egito, Khaled Abdel Ghaffar. China defendeu o papel central da OMS, Lei Haichao, chefe da delegação chinesa, e defendeu que a reforma do sistema de governança global da saúde deve seguir a liderança dos Estados membros e levar em conta as vozes e necessidades dos países em desenvolvimento, buscando um desenvolvimento equilibrado da saúde global. Completando esse conjunto político, os discursos e participações do Irã foram extremamente fortes e geraram um dos embates geopolíticos mais duros desta edição da AMS. O Ministro da Saúde e Educação Médica do Irã, Mohammad-Reza Zafarghandi, adotou uma postura de forte denúncia, ao mesmo tempo em que o país enfrentava pressões diplomáticas de outros blocos.

Enquanto o presidente da Espanha fez uma crítica filosófica e macroeconômica à "pandemia do egoísmo" na governança global, Singapura trouxe a resposta pragmática da Ásia (alianças técnicas regionais e dados abertos para contornar a paralisia política) e o Egito trouxe o clamor do Oriente Médio por sustentabilidade financeira real diante das crises estruturais. Enquanto o Egito foca na *indústria farmacêutica* e a China na *soberania de dados*, o Irã usou a governança da OMS para tentar expor as contradições do direito internacional humanitário, argumentando que a neutralidade médica foi quebrada na região.

O discurso do líder espanhol

Sánchez abriu o discurso com uma metáfora forte, afirmando que o primeiro sinal de civilização na história humana não foi a roda ou o fogo, mas sim um fêmur quebrado que foi

curado — sinalizando que a civilização começa quando estendemos a mão para cuidar do outro. O premiê alertou que o maior risco à saúde global hoje não é a falta de ciência, mas a "falta de consciência" e o crescimento do isolacionismo. A que ele referiu com "pandemia do egoísmo". Sua frase *"venceremos juntos, mas perderemos separados"* foi ovacionada de pé.

O discurso também criticou as ações recentes de "um país poderoso" que cortou verbas ao mesmo tempo que investe milhões em guerras e prioriza a "segurança nacional", esquecendo que saúde global é segurança; que cuidar do outro é cuidar da segurança.

O líder espanhol fez duras críticas ao modelo econômico que subjuga o acesso à saúde à lógica do dinheiro, citando que 3,4 bilhões de pessoas vivem em países que gastam mais pagando juros de dívidas externas do que financiando saúde e educação. Ele propôs uma reforma profunda na arquitetura financeira global, defendendo mecanismos de alívio e troca de dívidas por investimentos estruturais em saúde pública.

O posicionamento marcou um firme contraponto europeu aos recentes cortes de financiamento e pressões políticas sofridos pela OMS, anunciando que a Espanha dobrou sua assistência oficial ao desenvolvimento voltada à saúde multilateral, defendendo a descentralização da produção de insumos e medicamentos para que o acesso não dependa do poder econômico do país natal do cidadão.

Intervenções de Singapura

Na Plenária Principal, a intervenção oficial[2] de Singapura foi entregue pelo seu Representante Permanente na ONU em Genebra, o Embaixador Jaya Ratnam, focando em parcerias estratégicas diante de restrições fiscais globais.

Paralelamente, o Ministro da Saúde, Ong Ye Kung, liderou a delegação e fez discursos fortes em eventos de alto nível sobre vigilância genômica e a missão de desenvolver vacinas em 100 dias, enfatizando a necessidade de preparação contra pandemias e a criação de redes regionais de resiliência. Seu discurso de forte impacto técnico-político durante um evento central da Assembleia, focado no fortalecimento da preparação global para pandemias destacou a posição de Singapura como um dos maiores *hubs* globais de aviação do mundo, o ministro colocou o país na linha de frente da detecção de novos patógenos na Ásia. Em sua fala, assumiu o compromisso do país de compartilhar dados genômicos e informações sobre novos patógenos de forma rápida, transparente, sem amarras políticas.

Esse posicionamento contém um recado geopolítico implícito: funciona como uma crítica sutil, mas direta, às recentes tensões e dinâmicas de desconfiança mútua vistas no eixo Washington-Pequim e no debate travado no Acordo de Pandemias da OMS sobre o compartilhamento de dados de patógenos (o PABS Annex, que continua travado). Ong Ye Kung aproveitou para anunciar que a Agência de Doenças Transmissíveis de Singapura assinou um novo Memorando de Entendimento (MoU) de cooperação sanitária com a Administração Nacional de Controle e Prevenção de Doenças da China, sinalizando que, na prática, a cooperação técnica na Ásia tenta blindar-se da polarização política.

Egito — o desafio de reformar sistemas sob pressão regional

[2] Plenária, dia 19/05, manhã (https://www.who.int/about/governance/world-health-assembly/seventy-ninth) tempo 2:53:02.

A participação da delegação do Egito foi bastante robusta e liderou discussões cruciais nos bastidores e plenárias da Assembleia, focando na resiliência de sistemas de saúde diante de crises humanitárias e macroeconômicas na região do MENA (Oriente Médio e Norte da África). O Egito tem se posicionado como um ator central no bloco regional da região do Oriente Médio e Norte da África (MENA), utilizando os palcos multilaterais para defender que a soberania nacional e a autonomia de produção local são os pilares reais para a segurança sanitária.

Em seu discurso, **Ghaffar** começou falando das conquistas e detalhou a eliminação histórica da Hepatite C e defendeu a inclusão das doenças metabólicas do fígado na agenda global das DNTs (Doenças Não Transmissíveis). Ele enfatizou que a saúde não é um privilégio para poucos, mas um direito humano fundamental.

Em eventos paralelos de alto nível associados à AMS, o Egito fez críticas à centralização global de insumos farmacêuticos ativos (IFAs) e defendeu o direito de países em desenvolvimento emitirem licenças compulsórias e buscarem a transferência tecnológica sem as amarras rígidas de patentes tradicionais (especialmente sob o escopo do Acordo TRIPS). Articulou coalizões para a eliminação de doenças endêmicas e fortalecimento regulatório, demonstrando como a capacidade industrial do país se conecta com metas globais.

No painel paralelo de cadeias de suprimentos globais, Ghaffar defendeu que a soberania e a resiliência farmacêutica local são pilares da segurança nacional. O ministro pautou fortemente a necessidade de o Banco Mundial e as agências multilaterais mudarem a lógica de financiamento. Ele defendeu que a resiliência de um sistema de saúde no Oriente Médio hoje não se constrói apenas com resposta a emergências imediatas (leia-se conflitos e migrações forçadas), mas sim blindando a atenção primária e os sistemas de seguro de saúde universal.

Como recado geopolítico implícito, em reuniões bilaterais de alto nível na Assembleia com a liderança do Banco Mundial para o Oriente Médio, a delegação egípcia deixou claro que os países da região estão operando no limite de sua capacidade de absorção de choques sanitários, e que a arquitetura financeira global precisa apoiar reformas de cobertura universal de saúde (como a que o Egito tenta expandir) em vez de focar apenas em repasses emergenciais de curto prazo de doadores.

China em defesa do papel central da OMS

O posicionamento de Pequim AMS79 foi pautado a partir do pragmatismo diplomático que o país adota no cenário pós-pandêmico. O discurso da China foca fortemente na defesa do papel central da OMS, mas sob uma ótica de reforma que atenda aos interesses das economias emergentes (o Sul Global).

Em discurso, o representante chinês, diretor da Comissão Nacional de Saúde, Lei Haichao, sublinhou a necessidade de elevar a prioridade da saúde na agenda política, integrá-la em todas as políticas e colocá-la em posição prioritária, promovendo sua formulação e implementação nos campos da concepção, do planejamento, do investimento, da garantia de recursos e dos resultados. Também defendeu o aumento contínuo dos investimentos na saúde global. Segundo ele, a China apoia firmemente o multilateralismo e o papel central e coordenador da Organização Mundial da Saúde (OMS) na governança global do setor

Ele acrescentou que a China está disposta a trabalhar em conjunto com os demais Estados membros para avançar nas negociações do anexo ao Acordo sobre Pandemias e construir em conjunto uma comunidade de saúde comum para a humanidade.

Como crítica à Politização, a delegação chinesa enfatizou que a governança da saúde global deve ser pautada estritamente pela ciência e pela cooperação técnica, rejeitando o uso de fóruns de saúde para disputas geopolíticas, investigações com motivações políticas ou tentativas de interferência em assuntos soberanos.

A China assinou formalmente como coautora, junto com o bloco árabe, a resolução de emergência para a Palestina (A79/B/CONF./1). Ao assinar a resolução, a China reforça seu papel de parceira estratégica do Oriente Médio e da África, defendendo que a arquitetura de governança global deve focar no financiamento previsível e na assistência técnica para reconstruir sistemas de saúde destruídos por conflitos.

Irã trouxe o tom mais inflamado

O ponto central do discurso do ministro Zafarghandi na Plenária[3] foi a denúncia do que chamou de "agressão não provocada" sofrida pelo Irã em confrontos militares na região. As falas, posicionamentos e desdobramentos dividiram-se em três grandes pilares:

1. Emergências e Infraestrutura: Denúncia de Ataques e "Crimes de Guerra". O ministro apresentou dados; afirmou que os ataques danificaram 63 hospitais e 195 outras infraestruturas de saúde em território iraniano, deixando mais de 33.000 civis feridos e resultando na morte de 376 crianças. Ele citou nominalmente o bombardeio a uma escola em Minab que matou 168 estudantes e professores. E o ataque ao Instituto Pasteur, uma instituição centenária que é o pilar do sistema de saúde pública e de pesquisa vacinal do país. O ministro argumentou que atacar centros científicos é "atacar o futuro e os fundamentos da ética".

O Irã utilizou uma frase do próprio Diretor-Geral da OMS, afirmando que "bombardear um hospital ou uma escola não é um erro de cálculo, são crimes de guerra. Ponto final", exigindo que a Assembleia condenasse formalmente as ações contra civis.

2. Sobre a Governança da Saúde Global e a Batalha das Resoluções, Irã afirmou que a governança e a neutralidade da OMS foram colocadas à prova em uma disputa direta de resoluções e votações no plenário: a Resolução (A79/A/CONF./4) contra o Irã foi aprovada por 91 votos a 2, proposta por países do Golfo, Jordânia e nações ocidentais que condenou os ataques iranianos contra infraestruturas civis nos países vizinhos e na Jordânia. O texto apontou riscos à saúde global devido a danos em usinas de dessalinização de água e o fechamento logístico de rotas marítimas vitais, como o Estreito de Ormuz. O Irã acusou o texto aprovado pelos rivais de "ignorar deliberadamente os danos infligidos à saúde do próprio povo iraniano" e demandou que a resposta da OMS seguisse princípios de "objetividade, neutralidade e profissionalismo" para não agravar as tensões.

Nos bastidores da governança, o Irã conseguiu uma vitória técnica importante no *Comitê B*. O país corria o risco de ter seus direitos de voto suspensos na OMS devido a dívidas acumuladas de contribuições (cerca de US$ 3,29 milhões). No entanto, o Irã quitou os valores emergenciais antes da Assembleia e teve sua punição retirada por consenso, mantendo seu poder de voto integral.

3. Sobre o Tratado Pandêmico e Alianças Regionais, o posicionamento geopolítico do Irã caminhou lado a lado com sua estratégia de saúde externa: Solidariedade e Hubs de Emergência. O Irã defendeu que os mecanismos de resposta a emergências da OMS precisam ser ágeis para

[3] Plenária, dia 19/05, manhã (https://www.who.int/about/governance/world-health-assembly/seventy-ninth) tempo 2:44:50.

compensar sanções e bloqueios econômicos unilaterais que asfixiam os sistemas de saúde do Sul Global.

O Irã concluiu seus discursos insistindo que, apesar da destruição de centros científicos, sua infraestrutura de saúde continua resiliente e operando com orgulho, fechando com um apelo diplomático de que a saúde deve ser preservada como um canal neutro e uma ponte para a paz regional.

Palestina, Líbano e Israel

As delegações de Palestina, Líbano e Israel protagonizaram discursos que misturaram dados epidemiológicos alarmantes com pesadas acusações diplomáticas mútuas. O foco central girou em torno da destruição da infraestrutura de saúde, dos ataques a trabalhadores humanitários e do uso político do fornecimento de insumos básicos. Os discursos foram marcados por debates extremamente polarizados e carregados de peso geopolítico na Plenária e nos comitês técnicos, refletindo diretamente os desdobramentos dos conflitos recentes no Oriente Médio.

O Ministro da Saúde da **Palestina**, Majed Abu Ramadan, fez pronunciamentos contundentes focados na crise humanitária devastadora na Faixa de Gaza e nas crescentes restrições na Cisjordânia. O discurso[4] focou no colapso sistêmico e na paralisia de UTIs, centros cirúrgicos e incubadoras neonatais devido ao bombardeio sistemático e à falta crônica de combustível. A delegação palestina acusou explicitamente as forças israelenses de usarem a obstrução de suprimentos médicos vitais e alimentos como uma política de submissão e fome deliberada. A Palestina usou o palco para angariar apoio político, o que resultou na aprovação de duas resoluções históricas de amparo técnico da OMS ao território palestino ocupado por ampla maioria (A79/B/CONF./1)[5]. O ministro declarou que a votação foi "um sinal de que o mundo não pode mais ignorar a catástrofe na saúde palestina".

O Ministro da Saúde Pública do **Líbano**, Rakan Nasreddine, discursou em tom de emergência, detalhando o impacto severo e desproporcional que as operações militares israelenses causaram na rede sanitária do país, mesmo diante de tentativas e acordos de cessar-fogo. O representante libanês apresentou dados alarmantes à assembleia: mais de 150 ataques verificados contra serviços de saúde, com a destruição de 140 ambulâncias e a morte de mais de 100 profissionais de resgate e médicos. O discurso enfatizou o colapso logístico causado pelo deslocamento forçado de mais de 1 milhão de cidadãos libaneses, gerando uma pressão insustentável sobre a atenção primária e o risco iminente de surtos de doenças transmissíveis devido à falta de saneamento em abrigos. O Líbano demandou a condenação internacional das violações ao Direito Internacional Humanitário, resultando na adoção pelo Comitê A da AMS de uma decisão emergencial focada especificamente em socorrer o sistema de saúde do país (A79/A/CONF./3) proposta conjuntamente pelas delegações da Jordânia, Líbano, Catar e Türkiye.

A delegação de **Israel** estruturou sua fala rebatendo as acusações dos blocos árabes e defendendo que suas ações militares respondem estritamente a imperativos de segurança nacional e legítima defesa. Israel insiste que dois anos de guerra, crimes de guerra e genocídio

[4] Plenária, dia 19/05, tarde (https://www.who.int/about/governance/world-health-assembly/seventy-ninth) tempo 1:38:38.

[5] Envolve buscar doações para financiar a reconstrução do sistema de saúde palestino. A outra resolução envolve o monitoramento de campo contínuo sobre os impactos estruturais, nutricionais e de saúde mental da crise humanitária pós-cessar-fogo.

são direito de defesa. O argumento central de Israel na plenária foi o de que grupos armados — especificamente o Hamas em Gaza e o Hezbollah no Líbano — utilizam hospitais, clínicas e ambulâncias como escudos humanos e centros de comando militar, o que anularia a imunidade civil dessas instalações sob certas regras de combate. Israel afirmou que atua para permitir a coordenação e a entrada de carregamentos de vacinas (como as campanhas de pólio) e ajuda médica internacional, jogando a culpa de eventuais desabastecimentos nos gargalos de distribuição interna e no desvio de insumos por insurgentes. O país criticou duramente a aprovação das resoluções pró-Palestina, alegando que a AMS foi sequestrada por interesses políticos e que as decisões aprovadas ignoravam completamente os ataques sofridos pela população civil israelense e a situação dos reféns.

Para quem acompanha o cenário a partir de instituições de saúde global (como a Fiocruz), essa sessão da AMS deixou claro que a saúde e a epidemiologia de guerra viraram os principais palcos de disputa narrativa. Enquanto Palestina e Líbano focaram nos determinantes físicos do colapso (morte de médicos, destruição de leitos), Israel focou na justificativa jurídica-militar da quebra de neutralidade médica.

NO TABULEIRO DA GEOPOLÍTICA

A coreografia diplomática de Pequim

China não está dividia entre Rússia e EUA. Como uma potência madura, o gigante asiático sabe muito bem o que quer de cada um. Xi Jinping usa seu peso geopolítico para demonstrar que a China não precisa escolher lados e dita suas próprias regras de parceria com as grandes potências.

E isso ficou claro nos resultados das visitas de Estado à Pequim, milimétricamente traçadas, de Donald Trump (13 a 15 de maio) seguida, apenas 48 horas depois, pela visita de Estado de Vladimir Putin (19 e 20 de maio). Xi Jinping operou uma diplomacia de "espelhos", recebendo ambos, com honras militares quase idênticas, no Grande Salão do Povo, mas enviando recados geopolíticos e alcançando resultados profundamente distintos com cada um. Fazendo parte dessa coreografia diplomática milimetricamente calculada, em 6 de maio, Pequim recebeu o Ministro das Relações Exteriores do Irã, Seyyed Abbas Araghchi, que viajou a convite, para alinhar interesses e ouvir as demandas de Teerã antes de se sentar à mesa com o presidente dos EUA[6]. Esse balé consolida a China como o verdadeiro epicentro da diplomacia global.

Araghchi encontrou seu homólogo, o chanceler chinês, Wang Yi — para quem conhece a forma organizacional das relações internacionais da China e do Conselho e do Partido chinês, sabe que Wang Yi é mais que um chanceler[7]; portanto, podemos dizer que a visita foi tratada como uma missão diplomática de altíssima prioridade estratégica.

Esta rodada de diálogo entre a China e o Irã enviou um sinal positivo de busca pela paz em meio às crescentes tensões regionais. Wang Yi reiterou o apoio firme da China à soberania nacional do Irã e elogiou o compromisso de Teerã em buscar soluções diplomáticas. Araghchi enfatizou que o Irã aprecia e apoia a proposta de quatro pontos apresentada pelo presidente chinês Xi Jinping para promover a paz e a estabilidade regional no Oriente Médio, afirmando que

---

[6] https://www.aa.com.tr/en/asia-pacific/china-s-foreign-minister-holds-talks-with-iranian-counterpart/3928342

[7] Wang Yi é o Diretor do Gabinete da Comissão de Assuntos Exteriores do Partido Comunista Chinês (além de chanceler), ele responde diretamente ao Politburo e a Xi Jinping, tendo muito mais peso político do que um ministro das Relações Exteriores tradicional do Ocidente.

“o Irã deposita sua confiança na China”[8] O Irã deixou claro o seu posicionamento sobre o Estreito de Ormuz e os limites de sua tolerância à atuação militar de Washington e Tel Aviv, um insumo que a diplomacia chinesa usou dias depois para barrar as investidas de Trump quando este tentou fazer a China mediar a reabertura do estreito nos termos americanos.

Os chanceleres celebraram o marco do aniversário de 55 anos de relações diplomáticas entre as duas nações, combinando expandir o uso de moedas locais nas transações comerciais para contornar o cerco do sistema financeiro ocidental.

O foco da segunda visita de Trump à China (a primeira deste seu segundo mandato) foi a busca por uma “estabilidade estratégica” comercial e a contenção de danos diante de pressões inflacionárias e de segurança energética, especialmente a guerra com o Irã em andamento. O líder americano pousou em Pequim sob imensa pressão interna. As guerras regionais e a alta inflação derrubaram a popularidade de Trump, que percebeu que brigar com a China sai caro. O país de Xi Jinping tem um mercado maduro, indústria e capacidade de consumo.

O líder dos EUA levou em sua comitiva os cabeças da Tesla, Apple e da Nvidia, além de outros de peso da área econômica, como Qualcomm, Micron, Cargill, Visa, Mastercard e Meta, mostrando que a viagem tinha um caráter fortemente focado em Big Tech, inteligência artificial e agricultura.[9] A conversa a portas fechadas se concentrou em temas centrais como as tarifas comerciais, a exportação de chips avançados da Nvidia e a segurança marítima na Ásia, e fechamento do Estreito de Ormuz.

Xi observou “que a transformação não vista em um século está se acelerando em todo o mundo, e a situação internacional é fluida e turbulenta. Pode a China e os Estados Unidos superar a armadilha de Tucídides[10] e criar um novo paradigma de relações entre os principais países? Podemos enfrentar os desafios globais em conjunto e proporcionar maior estabilidade para o mundo? Podemos construir um futuro brilhante juntos para nossas relações bilaterais no interesse do bem-estar dos dois povos e do futuro da humanidade? Estas são as questões vitais para a história, para o mundo e para as pessoas. São as perguntas de nossos tempos que os líderes dos principais países precisam responder juntos. Estou pronto para trabalhar em conjunto com o presidente Trump para definir o curso e dirigir o navio gigante de relações China-EUA, de modo a fazer de 2026 um ano histórico e marcante que abre um novo capítulo nas relações China-EUA.”[11]

Xi alertou que EUA devem ter cautela extra ao lidarem com a questão de Taiwan. E deixou claro que não vai sacrificar sua relação estratégica com o Irã, diante das pressões do governo Trump.

---

[8] https://www.globaltimes.cn/page/202605/1360443.shtml

[9] Mais detalhes da visita e da delegação em https://pt.wikipedia.org/wiki/Visita_de_Estado_de_Donald_Trump_%C3%A0_China_em_2026 e em https://www.pbs.org/newshour/world/who-was-on-trumps-plane-to-china-elon-musk-nvidia-ceo-and-more

[10] Armadilha de Tucídides" é um termo usado nas relações internacionais para descrever o risco de uma guerra que surge quando uma potência emergente ameaça destronar uma potência estabelecida - o ateniense Tucídides, em seu relato da Guerra do Peloponeso, há quase 2,5 mil anos (século 5 a.C.) explicou como a ascensão da Atenas emergente e o temor que isso provocou em Esparta, que era a potência hegemônica da época, desencadearam de forma inevitável uma guerra.

[11] https://www.fmprc.gov.cn/eng/xw/zyxw/202605/t20260514_11910330.html

O encontro terminou sem acordos comerciais ou redução de tarifas. O principal ganho prático foi a retomada de canais oficiais de comunicação. O ministério do Comércio da China informou que são "preliminares" os acordos tarifários, agrícolas e aeronáuticos que ambos os lados concordaram em estabelecer e que um conselho de investimentos e um conselho de comércio para negociar reduções tarifárias recíprocas e específicas de produtos, bem como cortes mais amplos em produtos não especificados, incluindo os agrícolas serão estabelecidos.[12]

Como analisa Heidi E. Crebo-Rediker, em publicação do CFR, "o melhor resultado da cúpula é uma extensão tácita da atual trégua com alguns resultados sobre agricultura, aeroespacial e investimentos. Essa estabilidade instável serve a ambos os lados: dá tempo para a China consolidar a autonomia tecnológica e aprimorar ainda mais seus controles de segurança econômica, além de dar aos EUA e seus parceiros uma janela estreita para construir alguma resiliência em suas próprias bases industriais."

A 25ª visita de Putin à China coincide com o 25º aniversário do Tratado de Amizade de 2001 e o início do "Ano da Educação China-Rússia". Durante o encontro, os dois líderes elogiaram seus laços estratégicos e o crescente comércio de energia. Putin e Xi enfatizaram o crescimento do comércio entre os dois países, particularmente no setor de petróleo e gás natural, e declararam estar alinhados em relação às questões internacionais. Em discurso, Xi Jinping enfatizou a necessidade de uma "cessação completa das hostilidades" no Oriente Médio, de acordo com a mídia estatal chinesa. "O fim antecipado do conflito ajudará a reduzir as interrupções na estabilidade do fornecimento de energia, no fluxo contínuo das cadeias industriais e de suprimentos e na ordem do comércio internacional", disse Xi.[13]

A visita rendeu mais de 40 acordos de cooperação e atos bilaterais consolidados sob o guarda-chuva da Declaração Conjunta sobre o fortalecimento da coordenação estratégica abrangente e o aprofundamento da boa vizinhança e da cooperação amistosa entre os dois países. No extenso documento, os líderes formalizaram um documento focado na consolidação de uma ordem multipolar e na blindagem de suas economias por meio da desdolarização do comércio e do desenvolvimento de rotas logísticas terrestres, uma resposta direta ao cerco ocidental e às instabilidades nos estreitos marítimos globais. O documento reafirma a "parceria sem limites", mas estabelece limites práticos claros em termos de comércio e segurança. Já os acordos se dividem em quatro eixos temáticos principais: Energia, Rotas Terrestres e Infraestrutura; Comércio, Finanças e Desdolarização; Agricultura e Barreiras Fitossanitárias; Cooperação Técnica, Científica e Mídia.[14]

Receber dois dos líderes mais poderosos do mundo em questão de dias demonstra a crescente confiança da China em seu lugar e posição no cenário internacional.[15] Xi Jinping utilizou as duas visitas consecutivas para se posicionar como o fiel da balança global. Tratou Trump como o "competidor comercial imprevisível" que precisa de estabilidade e Putin como o "parceiro estratégico e aliado geopolítico" para a construção de uma ordem multipolar. E isso

[12] https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2026-05/china-diz-que-acordos-firmados-em-visita-de-trump-sao-preliminares

[13] https://www.pbs.org/newshour/world/putin-and-xi-hail-their-friendship-and-growing-energy-trade-at-their-meeting-in-beijing

[14] http://en.cppcc.gov.cn/2026-05/21/c_1184838.htm

[15] https://www.theguardian.com/world/2026/may/19/vladimir-putin-beijing-china-state-visit-xi-jinping-russia

inclui a busca de rotas terrestres via Rússia para segurança energética e para as cadeias de suprimentos, com a manutenção do Estreito de Ormuz fechado.

China deixou claro que "mantém amizade e parceria estratégica com qualquer potência que desejar, e os EUA são apenas uma delas", disse Steve Tsang, diretor do Instituto da China da SOAS, na Universidade de Londres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A 79ª AMS viveu momentos quentes, com discursos contundentes como esperado, diante do cenário atual de disputas geopolíticas, de crises múltiplas e falta de financiamento, de desconfianças e de contextos de guerras e conflitos.

O Acordo da OMS sobre a Pandemia, adotado em maio de 2025, embora represente um marco na governança global da saúde, visando abordar as desigualdades expostas pela pandemia de COVID-19, enfrenta desafios devido à fragmentação geopolítica, ao crescente nacionalismo e à diminuição da cooperação internacional. O tratado introduz o sistema de Acesso a Patógenos e Repartição de Benefícios para promover o acesso equitativo a patógenos e contramedidas. No entanto, detalhes críticos de implementação permanecem sem solução, o que pode enfraquecer a sua aplicabilidade e perpetuar as desigualdades existentes, a menos que os países africanos influenciem estrategicamente as próximas negociações do anexo. O discurso e posicionamento de Singapura representou uma crítica quando assumiu o compromisso do país de compartilhar dados genômicos e informações sobre novos patógenos de forma rápida, transparente, sem amarras políticas.

Sobre resiliência farmacêutica e soberania, a estratégia do Egito de ligar a "resiliência farmacêutica" à "soberania" dialoga diretamente com o que instituições como a Fiocruz defendem na América Latina através do Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS): descentralizar a produção de biotecnologia é uma necessidade geopolítica, e não apenas econômica. Indonésia e Malásia defendem a mesma ideia ao propor redes e PPPs.

Ambos os países (Brasil e Egito) compartilham o diagnóstico de que a dependência estrutural de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs) e de tecnologias de ponta é uma vulnerabilidade geopolítica inaceitável. No entanto, as estratégias e as narrativas políticas que usadas para responder a isso têm nuances bem distintas. Ambos defendem que a única forma real de garantir acesso universal em uma próxima emergência sanitária é espalhar a capacidade de fabricação de vacinas e biológicos pelo mundo, tirando o monopólio das mãos de poucas multinacionais americanas e europeias. São defensores históricos do uso de salvaguardas de propriedade intelectual (como licenças compulsórias) para priorizar o interesse público e a saúde das populações acima do lucro das patentes.

A principal diferença não está no *objetivo*, mas no *modelo de governança* e no desenho institucional.

Sobre produção. O Modelo do Egito foca em atrair investimento estrangeiro de Big Techs/Big Pharmas e criar megafábricas (como a *Gypto Pharma*) para abastecer o mundo árabe e o continente africano de forma competitiva. O Modelo do Brasil (Fiocruz/SUS) foca no modelo Hub de Mercado Regional (Privado/Estatal) — Complexo Econômico-Industrial da Saúde (Público-Privado), com fortalecimento de laboratórios públicos estruturantes (articulados com o SUS através de Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDPs).

Sobre soberania, autonomia comercial e segurança nacional. Para o Egito, a soberania é vista como a capacidade de não sofrer desabastecimento e de projetar poder econômico e político no Oriente Médio e na África (MENA). Para o Brasil, a produção local é umbilicalmente ligada à sustentabilidade econômica do sistema de saúde universal e ao acesso equitativo como um direito fundamental.

Sobre tecnologia e transição de genéricos para biológicos. O Egito historicamente dominou o mercado de genéricos e agora acelera a infraestrutura para biossimilares e tratamentos complexos por meio de cooperação internacional direta. O Brasil foca em desenvolvimento endógeno e inovação, isto é, foca em internalizar a tecnologia (transferência de tecnologia de ponta, como mRNA) para que o país não apenas produza, mas domine a ciência por trás do insumo.

Podemos dizer que "produção local" não significa a mesma coisa para todo mundo. Enquanto o Egito desenha sua resiliência focando na segurança geopolítica regional e na força de mercado, o Brasil projeta a sua com foco na resiliência de um sistema público universal. Ambos, porém, marcham juntos contra o *status quo* que concentra a inovação médica no Norte Global.